

PERFIL DOS PROFISSIONAIS QUE TRABALHAM COM REVISÃO DE TEXTO NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Marcelo Bessa

Pontifícia Universidade Católica
de Minas Gerais (PUC Minas) -
PUC Minas Virtual.

E

Resumo

Este trabalho apresenta o perfil do profissional que trabalha com revisão de textos no município do Rio de Janeiro. O estudo aborda cinco tópicos: identificação, capacitação, vida profissional, remuneração e prática profissional. Entre os resultados, verificou-se que mais de 80% são mulheres, e a graduação em Letras é o curso mais citado pelos respondentes. Para cerca da metade, a revisão é a ocupação principal, e pouco mais de 30% possuem vínculo empregatício como revisor. No entanto, somados aqueles que têm a revisão como atividade secundária, mas frequente, chega-se a mais de 80%. Portanto, o mercado carioca é formado por profissionais atuantes e não amadores. Com os dados coletados por meio deste estudo, pretende-se contribuir para a caracterização dos revisores, o mapeamento de seu mundo de trabalho e a ampliação dos estudos relacionados aos profissionais do texto em geral.

Palavras-chave: Revisor de texto. Perfil profissional. Profissionais do texto.

Introdução

Em uma noite longa, Raimundo Silva, personagem do romance **História do Cerco de Lisboa**, de José Saramago, faz algo impensado que mudará seu destino. Com mais de 50 anos, ele arrasta sua vida monótona e solitária, sem família, mulher ou mesmo namoradas eventuais, numa casa escura. “Este tipo

magro e sisudo, com os seus cabelos mal pintados, vivendo fechado em casa, triste como um cão sem dono” (2003, p. 273), tem outros adjetivos que o qualificam: respeitador, obediente, conservador, ordenado, metódico, sem coragem ou audácia. Enfim, é “um revisor no sentido absoluto da palavra” (p. 33-34), explica o narrador.

Como revisor de textos, Raimundo costuma trabalhar no silêncio de sua casa. Nessa noite longa, por exigência de última hora da editora para a qual faz serviços, terá de finalizar a revisão de centenas de páginas de um livro que narra a história do cerco de Lisboa. Ainda que beba xícaras de café para manter-se acordado no serão inesperado, sabe que, pela primeira vez em sua vida profissional, não conseguirá dar cabo do trabalho insano e, assim, terminar a revisão de todas as páginas até a manhã seguinte. Tomado por uma antipatia pela obra e pelo autor, ambos enfadonhos para ele, comete um ato intempestivo e subversivo: numa frase que afirma que os cruzados auxiliarão os portugueses a tomar Lisboa, ele acrescenta intencionalmente um “não”. Dessa forma, Raimundo muda a própria história de Lisboa ao reescrever que os cruzados não auxiliarão os portugueses a conquistar a cidade. E é essa pequena grande alteração que mudará posteriormente sua vida.

Personagem emblemático, Raimundo Silva diz muito a respeito de como os revisores e seu trabalho costumam ser percebidos social e profissionalmente — e isso quando o são. Destacam-se, nessa caracterização, a obediência e o servilismo, em especial, à tradição gramatical. Assim Raimundo se explica:

um revisor é uma pessoa séria no seu trabalho, não joga, não é prestidigitador, respeita o que está estabelecido em gramáticas e prontuários, guia-se pelas regras e não as modifica, obedece a um código deontológico não escrito mas imperioso, é um conservador obrigado pelas conveniências a esconder as suas voluptuosidades, dúvidas, se alguma vez as tem, guarda-as para si, muito menos porá um não onde o autor escreveu sim, este revisor não o fará (SARAMAGO, 2003, p. 43-44).

A crítica à obediência cega dos revisores às normas, que, para muitos, é um predicado inerente a eles, surge com relativa frequência na mídia. Para Bagno (2009), os revisores são uma espécie de carcereiros da língua, que não a deixam se expandir e se manifestar livremente. Alves (2009), por sua vez, vê o caráter policialesco dos revisores como marcas de sua personalidade sofrida: “Deve ser terrível viver o tempo todo

sob a tirania das leis dos gramáticos e sob a tirania do texto do autor a que eles têm de se submeter, sem dar sua contribuição pessoal.” Mais ainda, Alves identifica nisso um ressentimento: “Afim de contas o revisor não gosta de ser revisor. Ele queria mesmo era ser escritor”.

A figura simbólica de Raimundo Silva, que somente se destaca aos olhos dos chefes e editores após o lapso intencional, também faz lembrar que o revisor e seu trabalho comumente são percebidos apenas quando um erro se torna aparente. Por conta disso, já se comparou o revisor a um goleiro: só aparece quando falha (BRANCO, 2005). Para outros, no entanto, essa invisibilidade é inerente à profissão e, por isso mesmo, deve ser cultivada. Nesse caso, se há metáfora, é a de contrarregra, cujo trabalho silencioso e discreto permite que outros brilhem na ribalta (CRUZ, 2013).

Para Muniz Jr. (2010), existe, sim, invisibilidade, que, no entanto, transcende o revisor. Segundo ele, estudos de editoração têm privilegiado os casos de (in)sucesso de editores e editoras, e outros aspectos do objeto livro, como *design*, ilustração, tipografia etc. Mas, ressalta o autor, os verdadeiros protagonistas – os profissionais do texto que compõem a área editorial – são quase anônimos e pouco têm merecido estudos relevantes. São dignos, portanto, de um olhar mais atento que esmiúce o seu trabalho e mostre quem de fato são.

Contudo, é preciso admitir que, em meio a essa invisibilidade crônica dos profissionais do texto, os revisores são os que mais padecem dela, mesmo tendo função essencial na cadeia do processo editorial. Ou, quando são visíveis, aparecem por meio de clichês ou ideias preconcebidas, acompanhados, por vezes, da mais absoluta ignorância da sua real atividade. Conhecer quem são os revisores, qual é de fato seu ofício e como se fundamentam sua vida e prática profissional é, portanto, necessário e relevante.

Este trabalho apresenta o perfil do profissional que trabalha com revisão de textos, por meio de análise de dados obtidos por pesquisa quantitativa circunscrita ao mercado do município do Rio de Janeiro (RJ). Os resultados obtidos, além de ampliarem o conhecimento sobre os profissionais do texto em geral, se aliam a outros estudos voltados para a caracterização dos revisores, o mapeamento de seu mundo laboral e a coleta de informações em prol do ofício dessa classe.

Metodologia

A proposta principal do estudo foi traçar o perfil dos profissionais que trabalham com revisão de textos. Sabe-se, no entanto, que muitos deles não são revisores em sentido estrito nem se intitulam ou se veem desse modo. Apesar disso, não se pode excluí-los: também fazem parte do mercado e, por suas práticas profissionais, mais atuantes ou não, ajudam a moldá-lo e caracterizá-lo.

Partindo desse pressuposto, preferiu-se, de forma a agregar os profissionais para os quais a revisão é ocupação secundária ou eventual, categorizá-los de forma mais ampla. Portanto, a opção por uma classificação mais abrangente como “profissionais que trabalham com revisão de textos”, em detrimento do termo “revisores”, visa possibilitar o mapeamento, com mais acuidade, do universo real das pessoas que exercem esse ofício e integram o mercado.

A delimitação de profissionais atuantes em um único município (Rio de Janeiro/RJ) objetivou alcançar número significativo de respondentes de um dado universo e, assim, apresentar um perfil mais fidedigno da população pesquisada. Não há, contudo, no município do Rio de Janeiro, dados que possibilitem estabelecer numericamente o universo real dos profissionais de revisão de textos. Como ocorre na maioria dos municípios e estados brasileiros, não há entidades de classe ou associações profissionais específicas que congreguem essas pessoas. Algo mais próximo disso seria o Sindicato de Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro, que reúne integrantes dessa classe.

Para se obter o universo, ainda que aproximado, para a pesquisa, buscou-se o número de inscritos dos últimos concursos públicos, realizados no município do Rio de Janeiro, com vagas para revisores. Nos últimos quatro anos, houve três seleções para as seguintes entidades: Fundação Oswaldo Cruz e Universidade Federal do Rio de Janeiro (ocorridas em 2010, com 497 e 674 inscritos, respectivamente) e Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro – Cecierj (realizada em 2013, com 632 candidatos que fizeram a prova). Para concorrer às vagas, exigia-se graduação em Letras ou Comunicação Social, com exceção da Fundação Oswaldo Cruz, que, no edital do concurso, estabeleceu como requisito para o cargo somente a graduação em Letras.

Obteve-se, portanto, o universo aproximado de 600 indivíduos. Esse número, no entanto, pode ser maior ou mesmo menor, já que, por sua natureza, os concursos públicos são abertos a todos que atendam aos requisitos e tenham a graduação exigida. Desse modo, muito provavelmente grande número de candidatos sequer trabalhava com revisão de textos, mas almejava conseguir emprego público na área de sua graduação. Para os formados em Letras, em especial, tais concursos devem ter sido bastante atrativos, pois ofereciam uma opção de trabalho além do magistério.

De acordo com o rigor estatístico, para um universo de 600 pessoas, a amostra deveria contabilizar 234 respondentes, com margem de erro de 5%. A seleção da amostra partiu de lista inicial com 20 profissionais, contatados por *e-mail*. Essas pessoas indicaram outras, que, por sua vez, sugeriram nomes de outros profissionais e assim por diante, tal como ocorre por meio da rede de trabalho em revisão de textos, tão comum e frequente nessa área. Em cerca de três semanas, de 5 a 27 de dezembro de 2013, contataram-se, por *e-mail* e, em alguns poucos casos, por telefone, 202 pessoas, das quais 173 responderam ao convite. Desse total, 156 foram considerados respondentes válidos, 3 responderam após o fechamento da pesquisa e 14 eram inelegíveis, por motivos diversos (raramente faz revisão: 4; trabalha apenas com edição e copidesque: 4; não trabalha mais com revisão: 3; não mora mais no Rio de Janeiro nem tem clientes no município: 2; trabalha atualmente apenas com tradução: 1).

A amostra, desse modo, contabilizou 156 respondentes válidos, o que, para um universo de 600 pessoas, corresponde a margem de erro de 6,77%, com intervalo de confiança de 95%. É importante salientar que, se realizada em outro momento e com prazo mais dilatado, a pesquisa poderia conseguir número maior de participantes. Iniciada em dezembro, às vésperas das festas de fim de ano e do período de férias de verão, e num mês em que os revisores estão assoberbados de trabalho para finalizar, antes do recesso de grande parte da clientela e das gráficas, a pesquisa foi limitada por esses motivos, tanto na obtenção de número maior de contatos como em relação ao retorno e à receptividade dos contatados. Contudo, considerou-se que, na falta de universo especificado, como já relatado, e de estudos sobre os profissionais que trabalham com revisão de textos, seria válida pesquisa com a amostragem obtida, para ao menos delinear um esboço do perfil da categoria.

É certo que, caso o estudo inclísse outros municípios fluminenses, ou mesmo de outros estados e regiões, a pesquisa teria número maior de participantes e ultrapassaria, de longe, a marca de 234 respondentes. No entanto, a representatividade da amostra poderia ser ainda mais comprometida, visto que, quando os números fossem discriminados por cidade, estado ou região, seriam díspares e/ou não alcançariam uma totalidade representativa, prejudicando, desse modo, a análise dos dados e o delineamento seguro do perfil profissional.

Inicialmente, idealizou-se uma pesquisa com viés quantitativo e qualitativo. Entretanto, para o escopo do trabalho final (artigo científico), tal abordagem seria excessiva, mais condizente com uma dissertação. Dessa forma, preferiu-se realizar questionário com questões fechadas, em sua maioria, e semiabertas, que abordaram cinco tópicos: identificação, capacitação, vida profissional, remuneração e prática profissional. Antes da aplicação do questionário, composto de 42 questões, realizou-se pré-teste com cinco profissionais no intuito de, a partir da resposta do grupo, dirimir dúvidas e ambiguidades, aprimorar o documento final e obter o tempo médio de resposta, que foi 13 minutos. Aliás, tempo curto de resposta foi algo almejado na elaboração do questionário. Originalmente, havia mais questões, algumas delas abertas. Isso, porém, aumentaria o tempo de resposta e, assim, poderia gerar rejeição à participação na pesquisa por parte dos contatados.

A análise dos dados coletados, tabulados por meio do *software* Sphinx Plus, está descrita na seção seguinte.

Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de textos no município do Rio de Janeiro

Identificação

O estudo circunscreveu seu público-alvo aos profissionais que *trabalham* no município do Rio de Janeiro. Assim, não era condição indispensável morar nessa cidade. No entanto, a maioria dos profissionais pesquisados (89,1%) reside no município estudado. Em segundo lugar, como município mais citado, aparece Niterói, onde moram 6,4%. Os municípios fluminenses de São Gonçalo, Duque de Caxias, Mesquita e Belford Roxo somam 3,8% dos respondentes. Também participou da pesquisa um revisor do município paulista de

Salto. Quando questionado da sua inelegibilidade, o revisor argumentou que, apesar de também trabalhar para editoras de São Paulo, sua maior clientela é do município do Rio de Janeiro. Somente com uma editora carioca, trabalha há 36 anos. Desse modo, tornou-se elegível como os respondentes que moram em outros municípios fluminenses e participam do mercado de trabalho carioca.

De acordo com os dados da pesquisa, o mercado de revisão carioca é dominado pelas mulheres (127 respondentes), que totalizam pouco mais de 80%. Em relação à faixa etária, por análise isolada, o grupo de 25 a 29 anos apresenta o maior número de respondentes, com 17,3%, seguido daquele com pessoas de 60 anos ou mais (16,7%) e de 30 a 35 anos (16%). Desse modo, percebe-se participação pouco maior de adultos jovens e pessoas mais velhas. Caso o grupo de 25 a 29 anos seja somado ao dos que têm entre 18 e 24 anos, obtém-se o percentual de 22,4%. Isso indica uma inserção mais proeminente de jovens no mercado.

O ensino superior completo é o grau de instrução mais alto citado por 36,5% dos respondentes. Em seguida, destaca-se a especialização completa (26,9%). Caso sejam somados os cursos incompletos, há quase uma paridade entre ensino superior (39,7%) e especialização (37,8%), que perfazem 77,5%. Também se observam revisores com mestrado e, em número menor, doutorado. Apenas um declarou ter pós-doutorado incompleto.

Um total de 140 (89,7%) respondentes tem apenas uma graduação. Duas graduações foram citadas por 15 (9,6%) e apenas 1 (0,6%) declarou ter três graduações. A formação em Letras foi mencionada por mais da metade dos respondentes (56,4%), seguida de Comunicação Social (40,4%). Além dessas duas graduações mais comumente cursadas por revisores de texto e de outras já esperadas da área das ciências humanas (como Ciências Sociais, Pedagogia, Serviço Social, História etc.), foram listados, entre outros, os cursos de Matemática, Arquitetura, Música Sacra, Psicologia e Medicina Veterinária.

Os formados em Letras são oriundos de habilitações diversas, com predominância de Literaturas de Língua Portuguesa (61,4%), a mais comum nesses cursos, e, bem abaixo, Inglês (20,5%). Entre os formados em Comunicação Social, a habilitação de Jornalismo (69,8%) se destaca, ainda que exista uma específica de Produção Editorial, mencionada por apenas

25,4% dos graduados nesse curso.

O grande número de graduados em Letras ajuda, em parte, a compreender o número significativo das mulheres no mercado de revisão, já que esse curso conta com um público majoritariamente feminino. Entre as 88 menções de graduação em curso de Letras, 74 (84,1%) são de mulheres e apenas 14 (15,9%), de homens. No entanto, mesmo entre os formados em Comunicação Social, curso que apresenta maior número de alunos homens, também se observa disparidade: 50 (79,4%) mulheres e apenas 13 (20,6%) homens.

Em relação ao tempo de término da graduação, quase 40% a concluíram há mais de 20 anos, seguidos do grupo que a concluíram de 1 a 5 anos (20,7%).

Um total de 125 respondentes (80%) declarou ser fluente em língua estrangeira, de acordo com três classificações (boa, razoável ou pouca), discriminadas em três categorias (leitura, conversação e escrita). Desse total, 23 (18,8%) apresentam fluência em único idioma; 41 (32,3%), em dois; 47 (37,9%), em três; 11 (8,9%), em quatro; e 3 (2,4%), em cinco. Oito idiomas foram mencionados: inglês (122), espanhol (88), francês (66), italiano (18), alemão (10) e japonês, holandês e esperanto (uma citação para cada). No entanto, apenas entre os quatro idiomas mais citados, verifica-se que poucos os dominam totalmente. Nos dados daqueles que responderam ser “boa” a fluência nessas quatro línguas (desprezando, assim, as classificações “razoável” e “pouca”), em cada uma das categorias (leitura, conversação e escrita), percebe-se destaque da leitura sobre a conversação e a escrita.

A respeito da frequência de atividades culturais e de informação, as respostas indicaram resultados díspares entre as categorias apresentadas. Metade dos respondentes (78) informou ler livros diariamente. Esse número, se somado ao dos que disseram ler duas a seis vezes por semana, contabiliza mais de 76% do total. Mas chama a atenção o fato de que 14,1% pouco leem livros: desse grupo, seis respondentes relataram ler livros raramente (menos de uma vez ao mês). Um dos entrevistados ressaltou que lê diariamente livros da editora para a qual trabalha, ou seja, é atividade ligada à sua profissão; no entanto, em sua vida pessoal, com raridade lê outros livros. Quanto às revistas, quase 60% dos entrevistados as leem entre uma a sete vezes por semana. No entanto, também é alta a porcentagem daqueles que pouco ou nunca as leem (24,3%), ou seja, quase um quarto

dos respondentes.

Os jornais (impressos ou *on-line*) são lidos diariamente por quase 70% do público pesquisado. Caso esse grupo seja somado ao dos que os leem duas a seis vezes por semana, alcança-se ótimo número de leitores (85,9%). Os telejornais indicam boa média, mas com percentual menor: os respondentes que assistem a eles todos os dias ou duas a seis vezes por semana contabilizam 68,6%. Também chama a atenção o fato de quase um quarto (23,7%) pouco ou nunca assistem a telejornais.

Filmes e outros programas de TV são vistos diariamente por cerca de 40% dos respondentes. Somados àqueles que os veem uma a seis vezes por semana, obtém-se o percentual de 91%. Filmes no cinema, no entanto, não são programas frequentes para o público pesquisado. Cerca de metade dos entrevistados relatou fazer esse programa somente uma vez por mês. Também merece destaque o fato de quase um quarto ir pouco ao cinema. Teatro é programa mais assíduo para somente perto de um quarto dos respondentes: 23,7% relataram assistir a peças uma vez por mês. Aqueles que pouco ou nunca vão ao teatro contabilizam 75%.

Os dados obtidos esclarecem que, para a maioria dos profissionais estudados, a frequência de atividades informativas se sobrepõe à de atividades culturais.

Capacitação

Apenas pouco mais de um quarto dos respondentes (42) relatou ter tido, em sua graduação, disciplina(s) relacionada(s) à área de revisão e/ou editoração. A maioria deles (35) é graduada em Comunicação Social. Desse total, 31 têm apenas essa graduação, e 4 também cursaram Letras. Caso se leve em conta que, entre os formados em Comunicação Social, 17 mencionaram ter feito Produção Editorial, é, então, quase certo que a maioria teve tais disciplinas na grade dessa habilitação específica.

Entre os 7 restantes do total de 42 respondentes que tiveram disciplina(s) relacionada(s) à revisão/editoração, 6 são formados em Letras, e 1 apresenta dupla graduação (Letras e Direito).

Os dados confirmam descompasso entre os cursos de graduação, especialmente o de Letras, e o mercado dos profissionais do texto, termo que engloba não só revisores, mas também editores e preparadores de texto. Assim, não é estranho

que grande parte dos graduados forme-se sem preparação mínima, até mesmo entre aqueles que almejam trabalhar na área. Pesquisa realizada com alunos de graduação em Letras e de pós-graduação da UFMG – uma das poucas instituições de ensino superior que apresenta ênfase, no bacharelado em Letras, na área (Estudos sobre Edição) – diagnosticou grande desconhecimento de definição de atuações e tarefas/atividades relacionadas ao mundo editorial (RIBEIRO, 2007, p. 3).

Nesta pesquisa, poucos também foram aqueles que, em algum momento de sua vida profissional, fizeram curso de duração mínima de 180 horas (enquadrados, nessa carga horária, cursos mais longos, como capacitação, aperfeiçoamento ou especialização) na área de revisão/editoração. Apenas 50 (32,1%) afirmaram ter realizado estudo com essas características.

Num recorte temporal mais curto, circunscrito ao ano de 2013, também não se observou a participação de grande parte dos respondentes (quase 77%) em atividades diversas (oficinas, palestras, seminários etc.) ou cursos mais curtos relacionados à revisão de textos. Entre os 37 respondentes que informaram ter realizado alguma dessas atividades em 2013, a maioria (26) só a fez uma única vez.

Além do conhecimento linguístico, influi, na leitura e no processamento textual, o conhecimento de mundo ou enciclopédico, que, de acordo com Koch e Elias (2011, p. 42), é uma espécie de tesouro mental. Por meio desse conhecimento, que também diz respeito a vivências pessoais e eventos, recorre-se repetidamente, tanto na atividade da escrita como na leitura, a conhecimentos armazenados na memória, da mesma forma como se consulta uma enciclopédia (KOCH; ELIAS, 2009, p. 41). Por vezes menosprezado por revisores, que focam suas habilidades no conhecimento linguístico, ele é, para Yamazaki (2009), tão importante quanto este no trabalho de revisão, ainda que, à primeira vista, esteja mais relacionado à preparação e à edição de textos. Para ela, “a revisão de provas pode exigir um conhecimento gramatical, textual ou enciclopédico para lidar com um erro aparentemente simples e óbvio” (2009, p. 150).

Indagou-se aos pesquisados se o conhecimento de mundo (enciclopédico ou geral) seria tão importante quanto o conhecimento linguístico. Quase 95% responderam afirmativamente; destes, cerca de 70% concordaram plenamente com a proposição apresentada.

Sabendo-se que o conhecimento de mundo ou enciclopédico

pode ser construído por processos não formais de educação (YAMAZAKI, 2009, p. 137-138), e em comparação com os dados obtidos nesta pesquisa a respeito da frequência de atividades informativas e culturais, percebe-se que grande parte dos respondentes mantém-se atualizada e propensa a uma aprendizagem contínua em conhecimentos diversos, embora, em estudos formais relacionados à área de seu ofício, apresente baixa frequência.

Vida profissional

Quase 30% dos profissionais pesquisados trabalham há mais de 20 anos com revisão de textos. Em seguida, com percentual idêntico (21,2%), vêm aqueles que trabalham de 1 a 5 anos e de 6 a 10 anos. Percentual quase igual é identificado no grupo que trabalha de 11 a 15 anos (19,2%). De certa forma, o período de atuação na área mantém semelhança com o tempo de término da graduação, com diferença pouco mais acentuada, no grupo de mais de 20 anos de prática, entre graduação e atuação (37,4% e 28,2%, respectivamente). Isso sugere que o público pesquisado se mantém na área de revisão de textos, desde o término da graduação, com algumas exceções daqueles com mais de 20 anos de conclusão, que ingressaram posteriormente no mercado.

O surgimento de oferta de trabalho foi motivo principal para quase 40% ingressarem no mercado. Em seguida, destacam-se os que começaram a trabalhar com revisão de textos por terem interesse ou curiosidade na área editorial (32,1%). Aqueles que iniciaram a atividade por exigência do empregador ou para complementar o salário somam 16%. Apenas 4,5% foram impulsionados por falta de escolha ou opção profissional. Além dessas opções fechadas, 12 respondentes indicaram outros motivos, embora muitos deles possam ser incluídos nas cinco opções inicialmente propostas.

Quadro 2 – Motivo principal para iniciar a carreira de revisão

Por que começou a trabalhar com revisão?	Freq.	%
Pelo surgimento de oferta de trabalho à época	62	39,7%
Por ter interesse/curiosidade na área editorial	50	32,1%
Por exigência do empregador à época	13	8,3%
Para complementar o salário	12	7,7%
Por falta de escolha/opção profissional naquele momento	7	4,5%
Como bacharel em Letras, revisão é uma das áreas de atuação	2	1,3%
Por trabalhar em um grupo editorial	1	0,6%
Por opção	1	0,6%
Para manter-se em atividade após a aposentadoria	1	0,6%

Por ser formado em Editoração	1	0,6%
Porque gosta de revisar e faz parte da sua área de trabalho (editorial)	1	0,6%
Pelo fascínio pela língua portuguesa	1	0,6%
Por gostar da área	1	0,6%
Por causa da graduação em Produção Editorial	1	0,6%
Por ter feito estágio em editora	1	0,6%
Porque era de seu interesse	1	0,6%
TOTAL	156	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa.

Boa parcela dos entrevistados assinalou mais de uma resposta a respeito de sua preparação para exercer a atividade de revisão. Contudo, quando solicitado para que indicassem a alternativa principal, quase a metade dos pesquisados (44,9%) assinalou que coube à autoaprendizagem por meio da prática diária. Porcentagem menor (35,3%) relatou ter tido instrução de revisor mais experiente.

A respeito da preparação, os dados são significativos. Chama a atenção o fato de que apenas 9,0% das respostas foram relacionadas a cursos de formação. Tais números enfatizam a falta de programas de estudo específicos que possibilitem conhecimento e/ou aprimoramento adequado para a prática. É curioso que somente 1,9% tenha vinculado sua preparação ao curso de graduação realizado. Isso contrasta com os dados de que 26,9% respondentes tiveram disciplinas relacionadas à revisão/editoração em seu curso universitário. Desse modo, pode-se aferir que a(s) disciplina(s) ministrada(s) na graduação ou é/são insuficiente(s) e inadequada(s) ou foca(m) em outras práticas e saberes da questão editorial, sem aprofundamento em revisão.

Estágios indicados como preparação somam 4,5% das respostas. Embora as editoras utilizem grande parte da mão de obra do mercado de revisão, poucos foram os respondentes que se prepararam, por meio de estágio, nesses estabelecimentos. Isso indica preferência das casas editoriais em absorver o profissional já treinado e experiente, em vez de investir na formação de trabalhadores para seus próprios quadros.

Também é relevante que apenas 2,6% das respostas sobre a preparação para o trabalho de revisão foram relacionadas a obras sobre o assunto. Existe, de fato, escassez de livros que tratam de revisão, o que, para Alves e Andrada (2008), é um dos motivos – e não reflexo – para a falta de legitimidade da profissão de revisor.

Nos últimos 30 anos, não se destacam numericamente livros

sobre o tema. Desde o lançamento, em 1986, de **A construção do livro**, de Emanuel Araújo, uma espécie de bíblia para a editoração em geral, poucos foram os trabalhos publicados que versam especificamente sobre revisão. Nos anos 1990, surgiram **O livro: manual de preparação e revisão** (1993), de Ildete Oliveira Pinto, e **O livro: preparação & revisão de originais** (1996), de Henry Saatkamp, e, na década seguinte, **Manual do revisor** (2000), de Luiz Roberto Malta, e **Além da revisão: critérios para revisão textual** (2008), de Aristides Coelho Neto. Todos esses quatro livros são obras práticas, mas, como observam alguns críticos, pouco avançam em questões teóricas e/ou metodológicas mais consistentes e fundamentam-se, em graus variados, na atenção às regras gramaticais e na prescrição de normas e dicas, muitas delas advindas da própria experiência (ver OLIVEIRA, 2007; YAMAZAKI, 2009; COSTA; RODRIGUES; PENA, 2011). Em síntese, teriam uma natureza de caráter prescritivo e normativo observado em muitos dos manuais produzidos por diversas editoras para seu uso interno em busca de uniformização (MUNIZ JR., 2010, p. 102-104). Desse modo, é pertinente indagar se o baixo número de menção aos livros sobre o assunto como meio mais importante para a preparação profissional seja consequência do exíguo número de obras existentes ou, então, do seu caráter pouco formativo, e, sim, mais informativo e/ou prescritivo.

A revisão de textos é, para quase metade dos pesquisados, a ocupação de trabalho principal. Caso sejam somados os que a têm como trabalho secundário, porém frequente, percebe-se que a maioria (82,7%) trabalha de forma atuante no mercado de revisão. Assim, de acordo com os dados, a ideia de que o mercado seria tomado por profissionais amadores, sazonais ou itinerantes não procede.

Embora 73 (46,8%) respondentes tenham relatado que a revisão de textos é sua ocupação principal, apenas 52 (33,3%) possuem algum tipo de vínculo empregatício como revisor. Entre esses, a maioria (46) mantém apenas um vínculo empregatício, ao passo que seis informaram ter dois vínculos distintos.

Mesmo possuindo algum tipo de vínculo empregatício como revisores, quase a totalidade (49, ou seja, 94,2%) informou também realizar trabalhos *freelance*, isto é, avulsos e por tarefa, sem vínculo.

Entre os respondentes que informaram não ter vínculo como revisor de textos (104), três são os motivos mais citados: outra

profissão com vínculo empregatício (29,8%), preferência por permanecer apenas como revisor *freelance* (22,1%) e trabalho em sua própria micro/pequena empresa – PJ (20,2%). Caso os profissionais com vínculo empregatício e que também fazem serviços avulsos sejam somados àqueles que trabalham com revisão apenas como *freelance*, temos quase a totalidade dos respondentes da pesquisa: 153 pessoas.

Muniz Jr. (ver 2008; 2010) diagnostica o cenário de precarização do trabalho como uma mudança perversa que vem ocorrendo no mercado dos profissionais do texto. Segundo ele, um dos grandes motivos deve-se à fusão de editoras em grandes grupos nacionais ou transnacionais, que utilizam, cada vez mais, formas precárias de trabalho, contratando profissionais de acordo com a demanda ou tendo, nos seus quadros, o “frila-fixo”, ou seja, “o profissional que trabalha internamente à empresa, submetendo-se à hierarquia estabelecida, mas sem registro e sem as garantias da CLT” (MUNIZ JR., 2008, p. 11). E as pequenas empresas, diante do cenário altamente competitivo, procedem da mesma forma, como maneira de se manterem no páreo.

Os profissionais, por sua vez, tentam se ajustar à nova perspectiva, criando suas próprias empresas, a fim de emitir notas, ou se mantendo como trabalhadores *freelance*. Ainda que, à primeira vista, seja algo vantajoso (sem horário fixo de trabalho, dinheiro limpo, menos impostos etc.), Muniz Jr. lembra que tais profissionais são privados de direitos e benefícios trabalhistas (férias, décimo terceiro, licenças, plano de saúde etc.), estão dependentes de rendas eventuais e variáveis, não têm garantias nem segurança, e o teletrabalho ou o trabalho em casa, que seria uma benesse, pode se tornar um isolamento. Por fim, ao invés de contarem com colegas de trabalho, passam a ter concorrentes (MUNIZ JR., 2008, p. 11; 2010, p. 53-54).

Entre outros motivos citados para não ter vínculo de trabalho, estão, com a mesma porcentagem (8,7%), os aposentados e aqueles que, apesar de procurarem emprego na área, não conseguem uma posição, ou seja, são *freelances* por falta de opção. Respostas semiabertas menos citadas apresentam, como motivo, estudo, desemprego e questões pessoais/familiares. Também surge o vínculo empregatício em outras funções editoriais, como supervisão, coordenação e produção, resposta que poderia estar incluída na opção mais abrangente de outras profissões com vínculo empregatício. Aliás, embora poucos tenham discriminado, na opção semiaberta, tais funções editoriais, nas quais a revisão muitas vezes está embutida

no trabalho diário, essa é a realidade de parte daqueles que assinalaram ter outra profissão com vínculo empregatício, de acordo com informações obtidas dos respondentes durante a fase de contato para a pesquisa.

Revisão não é o único trabalho com o texto realizado por quase a totalidade dos profissionais investigados, não só por aqueles que a consideram sua ocupação secundária, mas também pelos que a classificam como principal. Por meio da apresentação dos conceitos de “preparação de textos (uniformização e normatização ortográfica, tipográfica, editorial, gramatical e estilística) e “edição de textos/copidesque” (intervenção estrutural e linguística voltada para a legibilidade), perguntou-se aos participantes se realizam esses trabalhos, além da revisão. Pouco mais de 90% relataram fazer preparação de textos e, praticamente, 95% disseram realizar edição de texto/copidesque. Os dados comprovam que o profissional de revisão extrapola a realização de um único ofício, e seu perfil multifacetado atende a vários estágios e profundidades do trabalho com o texto, que podem variar de acordo com a demanda, o tipo de serviço e do produto etc. É relevante mencionar que, durante o período de contato para a pesquisa, muitos participantes fizeram questão de ressaltar sua frequência em atividades de revisão, às vezes mais, às vezes menos, em comparação com outras práticas de trabalho com o texto. A pouca frequência de trabalhos de revisão não foi empecilho para participação. Apenas foram considerados inelegíveis aqueles que disseram fazer estritamente edição/copidesque e/ou preparação de textos.

Quando indagados sobre sua profissão, apenas 66 (42,3%) dos pesquisados apresentam-se como revisores de texto. Tais dados se aproximam do número de profissionais que consideram a revisão sua ocupação principal (73). No entanto, nota-se que, mesmo sendo sua ocupação principal, sete pessoas não se apresentam como tal. Também é relevante apontar que 35 profissionais (22,4%) nomeiam-se às vezes como revisores. Desse modo, socialmente se encontram muito menos “revisores” em comparação com o número de profissionais que ocupam o mercado, ainda que cerca de 20% assim se apresentem de acordo com a maré, ou seja, dependendo da ocasião e da intenção.

Remuneração

Talvez em virtude da inexistência de sindicato ou associação de classe que congregue especificamente revisores ou, de forma mais ampla, profissionais do texto (conceito que também inclui preparadores e editores de texto), o estabelecimento do valor-base da lauda e da quantidade de caracteres que a compõem fica prejudicado.

Na falta dessas entidades, pode-se tomar como norte o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro, que estabelece, além de um salário mínimo a ser pago ao profissional dessa categoria em qualquer função (revisão, reportagem de texto, fotojornalismo etc.), preços mínimos para trabalhos avulsos de revisão e copidesque. De acordo com tabela em vigor desde 1º de fevereiro de 2013,¹ o preço da lauda de 1,4 mil caracteres é R\$ 35,00. Caso a matéria seja técnico-científica, em língua estrangeira ou com tabelas ou gráficos, há acréscimo de 100% sobre o preço-base. Para copidesque, o preço é ainda mais elevado: R\$ 55,00 por lauda.

A pesquisa verificou que inexistente consenso em relação aos caracteres (com espaço) que compõem a lauda dos respondentes. Foram citadas sete faixas com quantidades de caracteres distintas, e duas delas (1.901 a 2.099 e 2.100) aglutinam exatamente a metade dos entrevistados (78). Aqueles que adotam o padrão do Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro (lauda com 1.400) ou até menos somam apenas 17,4%. Um total de 16 revisores disse não saber a quantidade de caracteres que compõem a lauda. Isso pode ser explicado porque alguns profissionais têm outros critérios de contabilidade ou fazem pacote fechado para cada produto. Existem também aqueles que trabalham apenas com editoras e, em geral, recebem pela página já diagramada, e não por lauda.

A discordância observada na categorização de lauda se repete em relação aos preços cobrados pelos profissionais. Como realizado na questão sobre as laudas, listaram-se sete faixas que variavam de um valor abaixo de R\$ 2,00 ao preço estabelecido pelo Sindicato dos Jornalistas (R\$ 35,00, segundo a tabela de 1º/2/2013). Entre elas, as mais citadas foram as de R\$ 2,01 a R\$ 5,00 e de R\$ 5,01 a R\$ 8,00, que, somadas, correspondem aos preços pedidos por 75 entrevistados (48,1%). Apenas quatro relataram cobrar de acordo com o preço sugerido pelo Sindicato. Um total de 11 revisores informou não saber o preço da lauda, muito provavelmente aqueles que fecham preço final por trabalho realizado. Há também aqueles que estabelecem o preço de acordo com a urgência, o volume e a complexidade do

1 Ao término deste trabalho, em março de 2014, o Sindicato ainda não havia divulgado a tabela com novos valores.

trabalho e do texto.

É importante mencionar que, quando trabalham com editoras, os revisores recebem o preço de tabela por página e não há negociação. Os preços costumam variar de editora para editora, mas, de acordo com os dados obtidos pela pesquisa, devem se concentrar, hoje, entre R\$ 2,00 e R\$ 5,00, faixa com o maior número de respostas.

Para mais da metade dos profissionais (51,9%), a revisão de textos é responsável por todo seu rendimento mensal ou grande parte dele. No entanto, para 33,4%, os rendimentos advindos desse trabalho ou são pequenos ou, por serem eventuais, não contam no planejamento econômico mensal.

Ainda que não exista unanimidade em relação aos preços cobrados por lauda, a maioria dos profissionais investigados (56,4%) considera ruim a remuneração recebida pelo trabalho. Apenas 9,6% julgam-na boa, o que se aproxima da porcentagem daqueles que cobram o preço da lauda acima de R\$ 15,00. No entanto, é importante frisar que nenhum dos 156 entrevistados, até mesmo aqueles que cobram segundo a tabela do Sindicato, informou ser excelente ou, ao menos, muito boa a remuneração recebida. Uma pessoa entrevistada frisou que, mesmo quando cobra bem, considera a remuneração final ruim. Segundo ela, por conta das limitações física e intelectual inerentes ao trabalho, é “impossível ganhar R\$ 10 mil por mês fazendo revisão”.

A falta de consenso em relação aos preços cobrados, seja por lauda ou trabalho, pode ocasionar dificuldade na negociação entre o profissional e o cliente. Segundo a dica de Malta (2000), a transação deve partir de um limite bem claro: “[...] este é um erro □ cobrar caro demais a revisão de provas e originais” (p. 87). E ele ainda aconselha ao revisor, para que se destaque aos olhos do cliente, fazer alguns serviços a mais do que foi combinado. Argumento semelhante tem Coelho Neto (2008), que, embora não trate da questão de preços, propõe a realização de alguns serviços por cortesia. De acordo com o autor, é “deselegante” cobrar, por exemplo, pela revisão de orelha, capa e contracapa, mesmo que a tarefa não tenha sido prevista no contrato (p. 151). Contudo, esse aspecto de cordialidade é rebatido com veemência por Yamazaki:

Fazer a revisão do texto das orelhas de um livro, sim, é um serviço extra se a editora contratou o serviço de revisão do miolo. Realizar ou não essa tarefa suplementar

é uma decisão do profissional, que pode optar por fazer, sim, mas não só para agradar ou por receio de um confronto. É necessário estabelecer e oferecer condições profissionais baseadas em relações de fato profissionais, e não apenas cordiais (YAMAZAKI, 2009, p. 56-57).

Assim, não são poucas as vezes em que revisores, após o término de algum trabalho, sentem-se lesados de certa forma. Para investigar essa questão, indagou-se aos entrevistados se, após combinar um serviço e iniciá-lo, tinham sensação de que não fizeram bom negócio. Aqueles que responderam ter esse sentimento sempre ou na maior parte das vezes somam 25,7%. Por outro lado, 28,2% informaram que, poucas vezes ou nunca, o têm. Como fiel da balança, estão quase 45% dos respondentes, que relatam passar por essa situação às vezes. Desse modo, dependendo do tipo de trabalho e do texto, da negociação e da ocasião, vê-se que grande parte ou tem a sensação de ter feito bom (ou, ao menos, justo) negócio ou se considera lesada na transação final. Todavia, chama a atenção o fato de 28,2% assegurarem que, nunca ou poucas vezes, se consideram lesados em confronto com os dados de que apenas 9,6% julgam boa a remuneração recebida. Pode-se pensar, então, que, para parcela significativa, uma transação boa ou justa contempla, em sua natureza, remuneração razoável ou ruim.

Prática profissional

A figura do revisor como um “inquisidor” a quem cabe fazer valer, de forma incondicional, os preceitos e as normas gramaticais é contestada por Costa, Rodrigues e Pena (2011, p. 72). Ainda que seja essa a ideia primeva que comumente se tem da função e da atuação do revisor, muitas vezes praticada por eles, os autores salientam ser necessário extrapolar os limites da tradição gramatical, opinião compartilhada, de formas diversas, por outros estudiosos (ver OLIVEIRA, 2007; ALVES; ANDRADA, 2008; MUNIZ JR., 2011; SALGADO; MUNIZ JR., 2011). Para Costa, Rodrigues e Pena, é preciso que os revisores abandonem a concepção inquisidora e, em vez disso, pautem sua atuação de modo mais amplo, propondo “alterações necessárias à adequação dos textos às condições de produção/recepção desses textos” (2011, p. 72). De acordo com esses autores, as alterações vão “desde as escolhas tipográficas e ortográficas, passando pelas gramaticais e lexicais, até as estilísticas e discursivas” (p. 72).

Por meio da apresentação da proposição “O revisor é como um fiscal da língua, e sua atuação fundamenta-se na correção gramatical”, perguntou-se aos entrevistados se concordavam ou não com ela. Para 63,4%, o revisor é, sim, um fiscal da língua, ainda que a maioria desse percentual concorde parcialmente com a proposição. Por sua vez, 35,2% discordam dela, e grande parte desses divergem apenas parcialmente.

Embora a maioria acentue um perfil fiscalizador do profissional de revisão, o trabalho é, na prática diária, para muitos dos pesquisados, bem mais amplo que a vigilância normativa da gramática. Apresentaram-se aos entrevistados os seguintes conceitos de trabalho textual: “edição de texto/copidesque”: intervenção estrutural e linguística voltada para a legibilidade; “preparação de texto”: uniformização e normatização ortográfica, tipográfica, editorial, gramatical e estilística; “revisão de texto”: verificação de provas, eliminação de erros restantes e revisão gráfica.² Em seguida, indagou-se a eles se, na prática diária de revisão de texto, tais atividades, de certa forma, se confundem, dificultando sua delimitação. Para a maioria (87,2%), misturam-se, e, desse total, quase 60% concordam plenamente com a afirmação. Menos de 10% discordam de forma plena ou parcial.

2 Em virtude da multiplicidade de conceitos e entendimentos do que é revisão, preparação e edição de textos, estabeleceu-se um norte para que os entrevistados falassem a mesma língua. Esta pesquisa utilizou os conceitos estabelecidos por Yamazaki (2009), adaptando-os e resumindo-os ligeiramente.

Os dados obtidos corroboram a discussão sobre o assunto que vem sendo conduzida por diversos estudiosos da área. Costa, Rodrigues e Pena (2011, p. 53-54) esclarecem que há dificuldade em definir o que é revisão de textos. Mais ainda, a falta de delimitação precisa das fronteiras entre as todas as práticas de intervenção textual é, para D’Andrea e Ribeiro, fruto da complexidade do trabalho relacionada à produção textual e da emergência e popularização de tecnologias digitais (2010, p. 72). Para Muniz Jr., o “caos terminológico”, como ele assim denomina, observado na designação de tarefas, atividades, profissões e funções da intervenção textual, deve-se, a par da complexidade, às transformações que vêm ocorrendo na esfera editorial (2010, p. 21).

Em seu manual, Malta alerta: “Este é um dos problemas do revisor: ele tem de se limitar à sua função” (2000, p. 17). Mas que função é essa em meio a essa grande indefinição terminológica? Ainda que boa parte das editoras estabeleça um processo delineado entre as fases pré e pós-diagramação, no qual a edição e a preparação fariam parte da primeira etapa e a revisão estaria circunscrita à segunda, a classificação ainda assim é tênue: o que é revisão para alguns corresponde à preparação

ou até à edição para outros (MUNIZ JR., 2010, p. 21-22). Para Ribeiro, a distinção entre revisão e preparação de textos, fases distintas da produção editorial, nunca foi pacífica e, com o advento e a popularização das tecnologias digitais, a confusão tem se tornado cada vez mais frequente e aparente para todos os envolvidos (2009, p. 1).

Para grande parte dos respondentes, a mistura não é apenas conceitual: 84% relataram realizar, de algum modo, sempre ou muitas vezes, preparação de texto em seu trabalho de revisão, ao passo que apenas 3,9% informaram realizar tal procedimento raramente ou nunca. Os números se mantêm no mesmo patamar quando o assunto é a execução concomitante de revisão e edição de textos. Quase 77% disseram realizar edição sempre ou muitas vezes durante um trabalho de revisão, em confronto com 5,2% que raramente ou nunca editam o texto a ser revisado.

A realização de tarefas distintas (como preparação e edição de textos) em serviços de revisão não parece ser oriunda apenas da indefinição de conceitos dos trabalhos textuais, mas também de uma imposição, por vezes aberta e, em outras, camuflada, do próprio mercado. Para Muniz Jr., em virtude das novas formas de organização da produção, veem-se fluidez nas atribuições e exigência por trabalhadores flexíveis e polivalentes (2010, p. 22). A flexibilidade e a polivalência tão exaltadas por alguns, acabam por promover distorções nos processos de trabalho, quando um profissional faz trabalhos que deveriam ser realizados por toda uma equipe, com funções distintas.

Indagados se haviam observado, nos últimos anos, acúmulo de funções e/ou aumento das tarefas exigidas do revisor, quase 80% dos pesquisados responderam afirmativamente. Uma pessoa entrevistada, que trabalha para editoras, acrescentou que, além de a tradução estar sendo feita às pressas, o copidesque tem sido suprimido, e resta ao revisor o trabalho de pelo menos três profissionais – “e sem receber por isso”, salientou. Para outro entrevistado, cujo tempo de trabalho em revisão é de um a cinco anos, ou seja, novo na profissão, disse não saber se houve acúmulo, pois “sempre foi assim desde que eu entrei no mercado”.

Na percepção de revisores mais novos, o acúmulo pode passar despercebido e ser algo inerente à atividade e à profissão. Contudo, de acordo com análise de Gomes (1988), feita há mais de 25 anos, mas ainda atual, sobre o mercado de trabalho

em editoração, essa prática, se não é nova, vem se consolidando e se naturalizando:

A falta do vínculo empregatício traz insegurança às pessoas e as sujeita ao aviltamento do preço de seu trabalho. É muito comum que, nesse esquema, um profissional seja pago como revisor ou preparador de originais quando na verdade a tarefa que lhe é exigida é de copidesque, de adaptação e mesmo de redação. Os profissionais da área sabem que cada uma dessas tarefas exige tempo e habilidade diferentes e por isso tinham preços diferentes no mercado. Hoje existe uma pernicioso tendência a nivelar essas tarefas, por baixo quanto ao preço e por cima quanto às exigências de qualidade (GOMES, 1988, p. 26 *apud* YAMAZAKI, 2007, p. 3).

E isso quando há trabalho. Na reorganização de processos, funções e atribuições, não são raros os casos em que etapas são preteridas e postas de lado, em especial, a revisão de textos (MUNIZ JR., 2010, p. 25; RIBEIRO, 2009, p. 7).

Trabalhos que discutem a revisão em segmentos específicos, como os realizados por Alves e Andrada (2008), a respeito dos textos técnicos de engenharia, e de Perpétua e Guimarães (2010), sobre os literários, apontam ganhos diversos para o cliente/autor, o texto e o revisor. Apesar disso, são poucos os profissionais que restringem a atividade de revisão a algum segmento. Menos de um terço (29,5%) respondeu que prefere trabalhar com segmento(s) específico(s). Desse total, os segmentos com mais de 50% de respostas são o literário e o acadêmico. Em seguida, na casa dos 30% de indicações, aparecem os segmentos jornalístico, didático, publicitário e institucional. Por sua vez, o técnico e o científico encabeçam a casa dos 20% de menções. Entre os profissionais que restringem o trabalho de revisão, quase 80% trabalham com, no máximo, quatro segmentos.

A inovação tecnológica e a popularização do computador e da internet observadas nas últimas duas décadas vêm imprimindo uma série de mudanças no campo editorial e no trabalho cotidiano dos profissionais do texto seja na revisão, na preparação ou na edição. Indagados sobre o papel das ferramentas de revisão dos editores de texto (correção ortográfica, controle de alterações, balões, comentários, painel de revisão etc.), quase 90% confirmaram que seu uso facilita o trabalho diário. Para uma das pessoas que responderam negativamente, tais

ferramentas são úteis apenas quando faz preparação ou edição de textos – e, “isso”, acrescentou, “não é revisão!” Essa resposta sugere a indefinição e a falta de entendimento do que é revisão de textos entre o público pesquisado.

Ainda que, para grande parte dos respondentes, os processadores ou editores de texto tenham facilitado sua tarefa diária, questionam-se, em meios diversos, os impactos negativos que tais programas ocasionaram ou estão ocasionando no mercado de trabalho. É certo que o corretor ortográfico dos processadores de textos está longe de substituir o trabalho realizado pelo profissional de revisão, mesmo que, para os olhos de muitos, revisão seja basicamente correção ortográfica. Apesar disso, discute-se a diminuição de postos de trabalho de revisão com o advento e a popularização desses programas (ver CANDIDO et al., 2011; PASSOS; SANTOS, 2011), embora Muniz Jr. (ver 2008; 2010), entre outros, identifique conjunto mais amplo de fatores que estão provocando essa transformação no mundo de trabalho editorial.

No entanto, na percepção de quase 70% dos entrevistados, não houve impacto negativo na oferta de serviços e de postos de trabalho, em virtude das ferramentas de revisão do editor de textos.

Em artigo em que discute a relação entre autor e revisor, por meio do romance **História do cerco de Lisboa**, de José Saramago, Arrojo (2003) desenvolve argumento que relaciona gênero e poder nas práticas textuais. Segundo ela, cabe ao masculino – ou seja, ao autor – a criação, a produção, ao passo que o feminino, no caso, o revisor, está circunscrito à submissão, à reprodução. Nessa associação, ela destaca o caráter assexuado ou castrado de Raimundo Silva, protagonista do romance citado de Saramago, que, assim, estaria no polo da feminilidade, em oposição à masculinidade do autor. Apenas quando abandona a passividade e se rebela, interferindo ativamente no texto, Raimundo resgata a masculinidade e tem as rédeas para mudar sua vida (p. 200).

O texto como relação de poder também é discutido, sob outro prisma, por Muniz Jr. (2010). Segundo ele, o texto, em vez de autoria singular, surge de um conjunto de sujeitos. Em outras palavras, um livro, mesmo tendo um autor, passa, em seu processo de produção, por diferentes mãos que também o constroem (editor, tradutor, copidesque, preparador, diagramador, ilustrador, *designer*, revisores etc.). Desse modo,

o objeto publicado nada mais é do que uma construção coletiva, em maior ou menor grau. “Assim”, diz Muniz Jr., “[o texto] traz em si complexas relações de força – ora veladas, ora explícitas –, que põem em choque diferentes concepções de linguagem, de trabalho, de mundo” (2010, p. 14). Nesse jogo de forças, uns têm mais poder, e outros, menos; uns decidem, e outros acatam.

Nesta pesquisa, indagou-se aos entrevistados se, em confronto com atividades, por vezes mais interventoras, de outros profissionais do texto, como editores, redatores e copidesques, consideravam a revisão uma atividade mais passiva. Constatou-se que a maioria (60,9%) não a considera como tal, ao passo que 32,1% creem nessa passividade. Discriminados os dados por sexo, vê-se que a maioria dos discordantes é composta de mulheres (63,8%). Os homens, por sua vez, mantêm-se quase divididos a respeito da questão. Contudo, em comparação com as respostas das mulheres, é bem mais alto o número dos que consideram, sim, a revisão como atividade mais passiva. Aliás, é importante mencionar que, na fase do pré-teste realizado com cinco pessoas, apenas uma se mostrou incomodada com a questão: foi justamente o único respondente homem do grupo.

Todos os respondentes identificaram dificuldades ou problemas em relação ao trabalho de revisão. As sete respostas mais citadas foram predefinidas pelo questionário, e outras seis receberam menção por meio de opção semiaberta. Entre as três mais apontadas, aparecem o pouco conhecimento do real trabalho de revisão (77,6%), prazos exíguos para realizar as tarefas (73,7%) e baixa remuneração (71,2%). Assim, suplantando a dificuldade de lidar com prazos curtos para fazer o serviço e problemas com remuneração não adequada, surge o desconhecimento do trabalho, percebido, muitas vezes, como mera correção ortográfica. Em seguida, também relacionada a essa opção, surge a pouca valorização e respeito profissional, com 60,3% de respostas. Problemas que dizem respeito ao aprimoramento profissional, como a oferta insuficiente de cursos (de atualização, aperfeiçoamento e capacitação) e de poucas publicações referentes à atividade, mereceram registro de 46,8% e 40,4%, respectivamente.

Quase na casa dos 40%, surge a menção de profissionais amadores que ocupam o mercado. Nesse quesito, é importante comparar com outros dados obtidos por esta pesquisa, que identificou, entre os 156 participantes, grande percentual (46,8%) que tem a revisão como atividade principal e uma taxa

significativa daqueles que a consideram atividade secundária, porém frequente (35,9%). Para apenas 17,3%, a revisão é atividade secundária, mas irregular e eventual. Mesmo assim, talvez não se possa dizer que esse grupo é formado por amadores, já que muitos declaram ter experiência, apenas não realizam a atividade com regularidade.

Por meio da opção semiaberta, também surgiram, em porcentagem quase residual, outros problemas, embora alguns deles possam ser incluídos nas opções predefinidas pela questão. São eles: baixo preço cobrado por muitos profissionais; a eventualidade dos serviços, o que dificulta o planejamento orçamentário; dificuldade de dar conta de múltiplos trabalhos numa mesma época; problemas acarretados pelo isolamento profissional; péssima qualidade dos textos recebidos, da concepção ao uso do idioma, por parte dos autores; e desconhecimento do trabalho do revisor por profissionais envolvidos no trabalho.

É interessante perceber que somente um respondente ressaltou o isolamento profissional como problema. No entanto, segundo análise de Muniz Jr. (2010), ele é um dos maiores obstáculos hoje observados entre os profissionais do texto. Com as mudanças que vêm ocorrendo nas últimas décadas, em especial nos últimos anos, no mundo editorial e jornalístico, cada vez mais crescem os trabalhos *freelance*, por meio do teletrabalho e do trabalho em casa. Isso, para Muniz Jr., implode as possibilidades de interação com colegas e de identidade profissional, o que ocasiona uma sensação de desapego social (2010, p. 86). Por sinal, o desejo de romper isolamento e de ajudar a construção da identidade profissional foi um dos motivos observados, explícita e subliminarmente, entre os contatados para a participação nesta pesquisa. Grande parte deles revelou extrema vontade de fazer parte de um estudo para identificar o perfil do revisor e, assim, saber quem de fato eles próprios são e/ou o que fazem.

É de se indagar se as novas tecnologias de informática e comunicação (como páginas da *web*, *sites*, *blogues*, redes sociais etc.) têm propiciado mudanças positivas não só para o trabalho diário do profissional, mas também para a troca de experiências e a construção da identidade profissional. No *Facebook*, por exemplo, há grupos diversos de revisores, que talvez estejam diminuindo a sensação de isolamento.

O impacto da atividade de revisão de textos sobre a saúde também é tema relevante, porém tratado com indiferença nos

estudos de editoração, segundo Muniz Jr. (ver 2008; 2010). Por esse motivo, faltam dados que lancem luz sobre o tema. Mas, de acordo com esse autor, percebe-se, por meio de análise empírica, que as mudanças no mundo editorial têm causado em seus profissionais danos físicos e mentais. O trabalho em cargas horárias dilatadas e, quando em ocupação *freelance*, a inexistência de direitos e benefícios trabalhistas (licenças, férias, repouso remunerado, plano de saúde, entre outros), são responsáveis por um efeito perverso na saúde dos profissionais do texto. Quase 75% dos respondentes relataram problemas de saúde que acreditam serem advindos de seu trabalho. No topo da lista, o cansaço físico/mental é a resposta de 50% de todos os profissionais ouvidos. Em seguida, aparecem problemas de coluna e de vista, mencionados por 40,4% e 32,1%, respectivamente. Lesão por esforço repetitivo (LER) ou distúrbio osteomuscular relacionado ao trabalho (Dort), estresse e ansiedade estão na casa dos 20% de respostas. Distúrbios do sono (como insônia, sonolência ou sono interrompido) foram citados por 12,8%, e 3,2% disseram ter desenvolvido transtorno obsessivo-compulsivo (TOC). Na opção semiaberta, foram citados dificuldade para ler livros (não por problemas de vista, mas por certa obsessão em relação a problemas de diagramação ou algum outro erro) e aumento de peso em virtude da falta de tempo para realizar atividades físicas.

A despeito das dificuldades observadas no exercício da profissão e dos problemas de saúde relacionados a ela, a maior parte dos respondentes (55,2%) disse ter satisfação na atuação como revisor de texto. No entanto, os que informaram ter pouca satisfação ou estar insatisfeitos somam 30,8%, ou seja, quase um terço do total

Quando indagados se gostariam de ainda estar trabalhando com revisão de textos nos próximos cinco anos, quase 60% responderam afirmativamente. Embora cerca de 30% tenham respondido estarem pouco satisfeitos ou mesmo insatisfeitos com o trabalho de revisão, apenas 16,7% disseram que não gostariam de continuar a realizar serviços de revisão. No entanto, parcela significativa – quase um quarto dos respondentes – não sabe se gostaria de permanecer no mercado.

Conclusão

Como bem assinalaram Costa, Rodrigues e Pena (2011, p. 60), uma descrição minuciosa da situação atual do revisor necessita

de muitos estudos, entre eles artigos, dissertações e teses. Assim, este trabalho não almeja ser conclusivo, mas pretende apresentar e acrescentar dados que permitam a descrição e a análise dessa situação e, espera-se, ajudem a promover ações benéficas aos profissionais que trabalham com revisão de texto e ao seu ofício diário. Entre os dados apresentados e analisados na seção anterior, convém rever e comentar alguns deles.

A pesquisa indicou que um quarto dos respondentes trabalha com revisão há mais de 20 anos e quase a metade do mercado carioca é composta de profissionais para quem a revisão é ocupação principal. Caso sejam somados aqueles que a têm como ocupação secundária, porém frequente, chega-se a mais de 80%. Portanto, não procede o julgamento comumente aceito de que o mercado seria tomado por profissionais inexperientes, amadores ou eventuais. Talvez existam alguns segmentos, como, por exemplo, a revisão de monografias, dissertações e teses, em que esse tipo de profissional atue com mais frequência, mas não parece ser a realidade do mercado de revisão mais amplo.

Assim, ao contrário do que se esperava, a maioria participa de forma atuante no mercado de revisão. No entanto, viu-se que apenas para quase a metade a revisão é a ocupação principal e pouco mais de 40% apresentam-se de fato como revisores. Portanto, a classificação “profissionais que trabalham com revisão de texto” seria mais indicada para categorizar a classe. Decerto, é uma classificação longa e dificilmente será um substituto pacífico para o conciso e mais comum termo “revisores”, mas ela define, com mais acuidade, aqueles que exercem tal ofício.

Entre esses profissionais, destacam-se as mulheres, que somam mais de 80%. A maciça participação feminina pode ser explicada, em parte, pela presença mais proeminente de oriundos da graduação em Letras, curso que apresenta maior número de mulheres. No entanto, mesmo entre os graduados em Comunicação Social, curso com mais estudantes homens, a participação masculina é baixa, contabilizando somente cerca de 20%. É relevante comparar tal informação com os dados a respeito da suposta passividade inerente à profissão: praticamente metade dos homens pesquisados concorda com a suposição. Isso pode sugerir um entendimento da revisão como atividade feminina, tal qual outras assim definidas socioculturalmente, como secretariado, magistério do ensino básico e cuidado da casa, para citar apenas algumas entre muitas destinadas às mulheres. Desse modo, em confronto com outras

funções de profissionais do texto – como jornalistas, redatores e editores, que teriam, assim, uma atuação mais “ativa” –, a revisão, por sua “passividade”, estaria relegada ao feminino. Mais conhecimento e divulgação do ofício de revisão poderiam provocar alteração nesse quadro, como já ocorreu no campo da moda e da culinária: a cozinha, por exemplo, que foi espaço relegado quase sempre às mulheres, hoje passa a ser dividida com homens, não só por profissão como também por *hobby*.

Viu-se que grande parte dos profissionais pesquisados é oriunda da graduação em Letras e supera, numericamente, os formados em Comunicação Social. Tais dados contrastam com as poucas ofertas de trabalho formal em revisão, que, muitas vezes, são dirigidas a graduados em Comunicação Social. Em face das mudanças que vêm ocorrendo no mundo do trabalho, especialmente nos campos editorial e jornalístico, vê-se uma preferência dos empregadores por profissionais flexíveis, que, entre outras funções, possam escrever e editar, além de somente revisar. Assim, por esse prisma, os graduados em Comunicação Social seriam mais adequados a esse objetivo, embora ficasse constatado que a maioria dos profissionais estudados, entre eles os formados em Letras, também realize preparação/edição de texto. Além disso, é preciso que os concursos públicos não restrinjam o requisito a apenas um dos cursos, já que, às vezes, ocorrem seleções para formados em Letras ou, unicamente, em Comunicação Social. Aliás, viu-se que número menor, mas significativo, dos profissionais estudados tem graduação em outros cursos. Assim, seria interessante que os concursos públicos com vagas de revisão aceitassem, de modo amplo, qualquer graduação: se o candidato faz boa prova, demonstra ter excelente conhecimento na área e comprova ter experiência, não há por que cercear sua participação.

Em relação aos cursos de graduação de Letras e Comunicação, mostra-se necessário o investimento em habilitações referentes à editoração e/ou à oferta de disciplinas que realmente deem conta da preparação para atuação na área. Apenas um quarto dos respondentes disse ter tido disciplina(s) referente(s) à revisão/editoração em seu curso de graduação, e somente 1,9% mencionou que se preparou para exercer a atividade por meio dessa(s) disciplina(s). Desse modo, percebe-se que, tal como estão, tais disciplinas pouco acrescentam na formação dos revisores.

Os resultados indicam pouca participação dos respondentes em atividades e cursos breves ou longos de aperfeiçoamento

na área. Assim, é interessante que se multipliquem atividades e cursos que melhor aperfeiçoem o profissional de revisão, embora já existam, em vários estados brasileiros, pós-graduações relacionadas à área, mas ainda em número diminuto. Igualmente, é importante que o mercado educacional ouça esse público e ofereça atividades e cursos que realmente atendam aos seus anseios e necessidades relacionados ao trabalho, para não correrem risco de oferecer algo além ou aquém do esperado. A pouca participação em cursos e atividades diversas na área pode ser reflexo de uma oferta que está distante das reais necessidades do público, e não somente em consequência da raridade desses cursos. Segundo dados obtidos por esta pesquisa, o número daqueles que realizaram tais atividades em 2013 (37) é bem abaixo até mesmo do total de profissionais para quem a revisão é sua ocupação principal (73).

A questão a respeito dos cursos como preparação – e não como aprimoramento profissional – para exercer a atividade de revisão de textos também se sobressai. Somente para 9%, a realização de cursos específicos foi a opção principal. Desse modo, a pouca menção a esses cursos pode estar relacionada à certa inadequação de formação, e não apenas a um número insuficiente de oferta desses programas formativos.

A preparação por meio de estágio em editoras, indicada por apenas 4,5% das respostas, é assunto relevante. Chama a atenção o baixo número de profissionais que relatou ter se formado em editoras, embora sejam elas que absorvam grande parte da mão de obra em revisão. Assim, seria importante que as editoras passassem a investir na preparação de revisores, e não apenas usufríssem de profissionais já prontos e experientes. Essa postura teria efeito positivo, já que haveria número maior de pessoas mais bem qualificadas para realizar o trabalho do qual necessitam.

A falta de padrão para o estabelecimento da contagem da lauda e de preço-base cobrado por ela – além do estabelecido pelo Sindicato de Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro, que é justo e ideal, mas muito longe da realidade – surge como problema, o que é ruim para clientes e, principalmente, para os profissionais. Em meio a vários valores díspares, o cliente pode optar pelo mais barato, o que acaba forçando para baixo o preço cobrado no mercado.

A questão do preço cobrado parece estar intimamente ligada ao assunto da indefinição das atividades de trabalho textual.

O que é revisão para uns pode abranger preparação ou até edição para outros, ou mesmo vice-versa. Assim, se, para alguns profissionais, a realização do serviço engloba um trabalho mais amplo, muito provavelmente o preço será maior.

Uma das pessoas contatadas para participar da pesquisa, que informou trabalhar com redação, edição e copidesque, disse não ser elegível, pois não se via como revisora pura e simplesmente. “O revisor de verdade”, explicou, “não mexe no texto: apenas marca onde falta vírgula, acento, essas coisas”. Mais que isso, ela, em seu trabalho de texto, via “o sentido, a unidade”. E haverá revisor para o qual o sentido e a unidade do texto passam despercebidos em seu trabalho? E serão frequentes os serviços em que os profissionais são apenas uma espécie de corretor ortográfico?

Assim, é necessário esmiuçar o trabalho prático e diário dos revisores em confronto com as (in)definições terminológicas para tentar apreender e entender qual é a sua definição, se é que existe apenas uma de fato. E isso tem um objetivo funcional: para Muniz Jr., a delimitação de categorias “tem validade tanto teórica quanto prática, na medida em que torna mais claros os limites das exigências, dos direitos, das remunerações etc.” (2010, p. 23).

Mais ainda, para Ribeiro, distinguir os profissionais (revisores, preparadores e editores de texto) e definir seu trabalho e atuação possibilitará “cobrir as lacunas de formação, adequar currículos e reorientar práticas que não estejam cumprindo as demandas para as quais são solicitadas” (2007, p. 4). E isso também afeta diretamente a dificuldade relacionada ao trabalho de revisão que recebeu mais menção na pesquisa: o pouco conhecimento do real trabalho, citado por quase 80% dos respondentes, suplantando até mesmo os prazos exíguos de trabalho e a baixa remuneração. Desse modo, o conhecimento de quem são esses profissionais do texto, de sua distinção e da delimitação de seu trabalho real pode trazer luz ao ofício do revisor.

Apesar das dificuldades e dos problemas, até mesmo de saúde, mencionados pelos participantes, os dados mostram que mais da metade sente-se satisfeita, em maior ou menor grau, com o trabalho de revisão. Quando indagados se gostariam de continuar no mercado nos próximos cinco anos, quase 60% disseram ter esse interesse, em confronto com apenas pouco mais de 15% que não gostariam de se manter na profissão por

mais tempo. Contudo, quase 25% não souberam responder.

Para Raimundo Silva, personagem do romance de José Saramago mencionado no início desta pesquisa, “revisor de vocação é fenômeno desconhecido” (2003, p. 10). Procedente ou não o argumento de Raimundo, importa promover estudos, estimular associações entre os profissionais de revisão e desenvolver ações que, além de enfrentarem as dificuldades e os problemas correntes e citados na pesquisa, possibilitem melhores condições de trabalho, remuneração satisfatória, entre outros aspectos que fundamentem a revisão de texto, mais que mera atividade ou função, como, de fato, uma profissão.

ABSTRACT

This work draws the professional profiles of proofreaders working at Rio de Janeiro City, based on five professional topics: identity, training, routine, salaries and practices, and aims to contribute to their characterization, to map their work environment, and to further the studies about professionals who work with texts. The results point that females constitute more than 80% of the professionals, and the majority of them mentions a college degree in Language/Literature. Proofreading is the main occupation for approximately half of the subjects, and over 30% of them are officially employed as proofreaders – this number surpasses the 80% if considered professionals who work constantly but secondarily in this area – leading to the conclusion that the market in Rio de Janeiro City is consisted of specialized and non-amateurs professionals.

Keywords: Proofreader. Professional profile. Proofreading. Text professionals.

REFERÊNCIAS

ALVES, Betânia V.; ANDRADA, Claudine F. Revisão de textos técnicos de engenharia. **Educação e Tecnologia**, Belo Horizonte. v. 13, n. 2, p. 9-18, maio/ago. 2008.

ALVES, Rubem. Sobre gramáticos e revisores. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 jan. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2001200913.htm>>. Acesso em: 6 mar. 2014.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**. 2. ed. revista e ampliada. Revisão e atualização de Briquet de Lemos. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. 635 p.

ARROJO, Rosemary. A relação exemplar entre autor e revisor (e outros trabalhadores textuais semelhantes) e o mito de Babel: alguns comentários sobre *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago. **Delta** [on-line]. 2003, vol. 19, n. espe., p. 193-207. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502003000300012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 23 nov. 2013.

BAGNO, Marcos. Deixem eu ser brasileiro! **Caros Amigos**, São Paulo, fev. 2009. Disponível em: <http://www.portugueseagramatica.com.br/media/bagno/46-_deixemeuserbrasileiro.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2014.

BRANCO, Gabriela Castelo. Vai que é tua, revisor! **Ccaps Newsletter**, n. 13, mar. 2005. Disponível em: <http://www.ccaps.net/newsletter/02-05/art_2pt.htm>. Acesso em 1º fev. 2014.

CANDIDO, Glaucia Vieira et al. Mercado de trabalho para o revisor de texto: um estudo no polo educacional do ensino superior de Anápolis. **Plurais – Virtual**, v. 1, n. 1, p. 106-123, 2011.

COELHO NETO, Aristides. **Além da revisão**: critérios para revisão textual. 2. ed. Brasília: Senac, 2008. 304 p.

COSTA, Roger Vinícius da Silva; RODRIGUES, Danielle Lopes Dias Ignácio; PENA, Daniela Paula Alves. Dificuldades no trabalho do revisor de textos: possíveis contribuições da linguística. **Philologus**, v. 17, n. 51, p. 53-74, 2011.

CRUZ, William C. As virtudes do profissional do texto. **Esboços, rascunhos e ensaios**, 13 abr. 2013. Disponível em: <<http://esbocoserascunhos.blogspot.com.br/2013/04/as-virtudes-do-profissional-do-texto.html>>. Acesso em: 1º fev. 2014.

D'ANDREA, Carlos F. B.; RIBEIRO, Ana Elisa. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. **Veredas**, p. 64-74, 2010. Disponível em: <www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/08/ARTIGO-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2013.

GOMES, Marcos. Radiografia do mercado de trabalho em editoração. **Cadernos de Jornalismo e Editoração**, São Paulo, n. 22, dez. 1988.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 216 p.

_____. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009. 224 p.

MALTA, Luiz Roberto. **Manual do revisor**. São Paulo: WVC, 2000. 152 p.

MUNIZ Jr, José de Souza. Uma perspectiva ergodialógica sobre a atividade de editores, preparadores e revisores na produção de livros. **Anais do Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso**. Porto Alegre: PUCRS, 2011. p. 252-260. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sited/arquivos/JosedeSouzaMunizJunior.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

_____. **O trabalho com o texto na produção de livros: os conflitos da atividade na perspectiva ergodialógica**. 2010. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. **Movimentos recentes das editoras de livros e a situação dos trabalhadores do setor**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO, 31., Natal-RN. **Anais...** Natal: Intercom, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0121-1.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

OLIVEIRA, Risoleide Freire de. **Um olhar dialógico sobre a atividade de revisão de textos escritos: entrelaçando dizeres e fazeres**. 2007. 172 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Natal-RN, 2007.

PASSOS, João Augusto de Oliveira; SANTOS, Maria Lino dos. **Leituras, revisão textual e o revisor**. 2011. Disponível em: <<http://www.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wp-content/uploads/2011/07/LEITURAS-REVISAO-TEXTUAL-E-O-REVISOR.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2013.

PERPÉTUA, Elzira Divina; GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. A revisão do texto literário: um trabalho de memória. **Scripta**, v. 14, n. 26, p. 195-204, 2010.

PINTO, Ildete Oliveira. **O livro: manual de preparação e revisão**. São Paulo: Ática, 1993. 191 p.

RIBEIRO, Ana Elisa. Revisão de textos e “diálogo” com o autor: abordagens profissionais do processo de produção e edição textual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba-PR. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2050-1.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2013.

_____. Em busca do texto perfeito: (in)distinções entre as atividades do editor de texto e do revisor de provas na produção de livros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 12., 2007, Juiz de Fora-MG. **Anais...** Juiz de Fora: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0011-1.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2013.

SAATKAMP, Henry. **O livro: preparação & revisão de originais.** Porto Alegre: Age, 1996. 111 p.

SALGADO, L. S.; MUNIZ Jr., J. S. Da interlocução editorial: a presença do outro na atividade dos profissionais do texto. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 87-102, 1º semestre 2011.

SARAMAGO, José. **História do cerco de Lisboa.** Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S.Paulo, 2003. 319 p.

YAMAZAKI, Cristina. **Edição de texto na produção editorial de livros: distinções e definições.** 2009. 231 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes/Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Editor de texto: quem é e o que faz. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 12., 2007, Juiz de Fora-MG. **Anais...** Juiz de Fora: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1153-1.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2013.